

MÍGUEZ, Néstor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo.
Para além do espírito do Império: novas perspectivas
em política e religião. São Paulo: Paulinas, 2012.



A obra, escrita por três autores: Néstor Míguez, Joerg Rieger e Jung Mo Sung, que podem ser caracterizados, como partícipes do Cristianismo de libertação, da tradição teológica crítica, contudo, analisam os novos componentes da realidade atual, levando em consideração as mudanças produzidas nos últimos trinta anos, assumindo novas discussões e contribuições nas ciências sociais, projetando para o futuro de maneira diferente a memória e as reflexões da fé.

Trata do Império global, que se produz como sintoma da globalização. Partem do que vivem, a partir de distintos ângulos, de experiências diferentes, com formações que são dessemelhantes, mas que coincidem em torno de uma necessidade compartilhada: pensar a vida a partir de baixo, dos lugares mais necessitados, da vítima do despojo e do preconceito, a partir das exclusões por razões econômicas, de gênero, étnicas, políticas ou ideológicas.

Propõem pensar o Império pensando a realidade em que se vive, descobrindo-a sobre as marcas de seu escamoteio, vendo-o em suas novas e perversas ambições e ferramentas de dominação, encontrando os mecanismos com os quais se impõe às consciências, com que reclama seu direito único ao domínio universal a que aspira e como organiza seu discurso hegemônico. Aponta para buscar não tanto coincidências históricas que possam mostrar o que tiveram em comum os empreendimentos imperiais, que circunstâncias permitiram seu levantamento ou decadência, mas um modo de ser imperial, que vai além da expressão parcial que encontra em distintas circunstâncias históricas. Interessa analisar esse espírito imperial em outro nível, o que conforma o caráter, o que faz que um Império o seja, o que faz que

os seres humanos procurem, admitam ou resistam ao modo imperial, o que permita ver, mesmo em meio às demandas imperiais, que há outro modo humano de existir.

O contexto da obra inicia-se no período mais agressivo da política de George W. Bush. As invasões que este cometeu contra o Afeganistão e contra o Iraque e com ameaças de estender o conflito sobre o Irã, seu desconhecimento fático do governo da Palestina, bem como sua política de controle interno através das chamadas “leis patrióticas”, a expansão da política financeira e as ameaças sobre os países que se desviaram do modelo financeiro e o ajuste do Estado; fazendo que muitos vissem aí renascer a ideia de um imperialismo norte-americano. E se encerra com o mercado financeiro em crise e um novo presidente de origem afro-americana governando a principal potência mundial, que procuraria desmontar os conflitos bélicos da etapa anterior e prometendo um respeito pelos direitos de todos, ordenando o paulatino fechamento da prisão de Guantánamo. Os conflitos distributivos retomavam um primeiro lugar com protestos e greves nos países mais desenvolvidos fazendo com que o Estado tomasse um papel decisivo na economia. As consequências das agressões ao biosistema planetário aparecem cada vez mais visíveis, e a ilusão de um crescimento desmedido começa a mostrar suas debilidades.

O livro não é uma coleção de artigos apesar da diversidade de estilos, linguagens e enfoques, notando-se que há uma complementaridade, um liberdade de expressão significativa. Está dividido em seis capítulos, com agradecimentos e uma introdução. Os capítulos I e VI e a Introdução ficaram a cargo de Míguez. Rieger se responsabilizou pelos capítulos II e V. Sung trabalhou os capítulos III e IV. O livro abre levantando a problemática do Império a partir de seu lado ideológico-político, depois mostra como afeta a construção de subjetividade, para indicar a dimensão religiosa que assume o Império, ao reclamar um sentido de transcendência. Finalmente, retraça o caminho, mas para frente, mostrando por onde deve conduzir uma nova leitura do transcendente, reavaliando os modos de construir a subjetividade, discernindo, em meio das obscuridades imperiais, uma superação através da recuperação da *res publica*, do popular, da dimensão messiânica na história humana.

O capítulo I trata do *Império, religião e o político*. Introduz e levanta o problema, abre o desenho para outras condições indicadas como “o espírito do Império”. Faz um esboço da dimensão política e econômica daquilo que se entende por Império.

O capítulo II trata do *Império, religião e subjetividade*. São dados exemplos frequentes do contexto dos Estados Unidos, pois esse país tem lugar especial na formação de Império hoje, já que há um “profundo alinhamento com os processos globais de desenvolvimento”.

O capítulo III trata do *Império e a transcendência*. A questão não é se um sistema possui ou não uma noção de transcendência, mas como a sociedade se relaciona com o seu conceito transcendental, mas se ela é ou não sacrificial?

O capítulo IV trata da *Transcendência humanizadora: condição humana e os “outros”*. Analisa diversas posições sobre a noção de utopia e transcendência encontradas entre aqueles que se opõem ao atual modelo de globalização e ao atual Império.

O capítulo V trata do *Rumo a uma subjetividade alternativa no meio do Império*. Apesar de todos os seus esforços, o Império nunca é capaz de controlar e cooptar total e incondicionalmente. O poder e a influência do Império podem ser sólidos e abrangentes, mas nunca são absolutos, nunca são sem ambivalência.

O capítulo VI trata do *Rumo a uma ética política não imperial*. Surge a pergunta sobre as possibilidades de uma política superadora das tendências e consequências da concentração imperial. Faz-se necessário indagar sobre as possibilidades de uma prática não imperial que comece a desenvolver já no âmbito do Império, para produzir suas alternativas, gerar condições de modificação, e formar o *éthos* antropológico permitindo superar a subjetividade gerada no espaço imperial.

Concluo que os autores querem ver o efeito desse espírito imperial sobre os espíritos humanos, especialmente aqueles que ficam mais expostos às iniquidades e injustiças que geram a relação imperial. Propõem uma busca “*demo-crática*”, que enxergue todas as dimensões e também os limites de toda e qualquer proposta de poder, que reconheça a presença dos mais prejudicados em cada sistema social, e mostre-se com sua contínua necessidade de transformação. Eles

querem recuperar o lugar do transcendente, de algo que está sempre além do que o Império contém e quer encerrar. Essa transcendência é concebida a partir de uma presença no crucificado que ressuscita, no sofredor que levanta sua voz, no pobre que não se resigna, nas vítimas de qualquer preconceito que reivindicam sua condição de humano total, não excluído que marca ainda seu lugar no povo. É possível superar o Império, antecipar nos seres humanos a esperança de outro mundo possível, um mundo onde caibam todos os mundos, um Reino messiânico, que possivelmente não se alcançará na nossa história, mas que constituirá a visão que alenta, sustenta e na qual se empenha a vida.

*Emerson Sbardelotti Tavares**

* Mestrando em Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – campus Ipiranga.